DESEJO E DESAJUSTE:A AUTOFICÇÃO CULTURAL EM CAIO FERNANDO ABREU

Beatriz Maysa Kruse (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Maria Clara Capelari Poppi (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Ricardo Augusto de Lima (Orientador). E-mail: ralima@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas

Linguística, Letras e Artes/Letras e Literatura

Palavras-chave: Autoficção. Contracultura. Homossexualidade.

RESUMO

Este projeto de iniciação à pesquisa propõe uma análise dos contos “Sargento Garcia” (1982) e “Pequeno Monstro” (1988), de Caio Fernando Abreu, com foco nos elementos autoficcionais construídos que permeiam o movimento contracultural da década de 1980. Os contos têm protagonistas *outsiders*, que narram experiências de um despertar sexual e homoafetivo em meio a contextos marcados por repressão. A partir disso, a pesquisa busca entender como o autor ficcionaliza vivências pessoais em narrativas de interesse coletivo, que integram realidade e ficção em uma escrita subjetiva e de identificação. A metodologia será qualitativa, com análise comparativa dos contos a partir da teoria da intertextualidade de Samoyault (2008), que entende o texto como espaço de cruzamento de discursos, e Barbosa (2008), que destaca a autoficção e a mistura de linguagens como marcas da poética de Abreu. Ademais, os estudos de Lima (2015), que define autoficção como um espaço de performance do “eu”, e o de Junqueira (2009) corroboraram para a inserção da obra de Abreu no contexto contracultural ao defender que a forma como o autor trata em suas obras a sexualidade e política inserem-se no movimento. O objetivo central é compreender como os contos incorporam elementos autoficcionais que dialogam com as vivências do autor e representam o espírito cultural de sua época.

INTRODUÇÃO

A literatura de Caio Fernando Abreu é marcada pela sensibilidade diante da morte, da sexualidade e do desajuste social, temas que permeavam não só sua escrita, mas sua vida. Segundo Castello (1999), o escritor era acompanhado por uma imagem melancólica, a qual refletia-se em suas roupas escuras, coluna arqueada, olheiras profundas e uma atmosfera depressiva. Esses elementos foram traduzidos em enredos sombrios, temas sérios e personagens *outsiders* repletos de angústias existenciais. É nesse contexto que se inserem os contos “Sargento Garcia” (1982) e “Pequeno Monstro” (1988), que são objetos de análise desta pesquisa.

A metodologia será qualitativa, com análise comparativa dos contos a partir da teoria da intertextualidade de Tiphaine Samoyault (2008), que entende o texto

como espaço de cruzamento de discursos, com apoio na leitura de Barbosa (2008), que destaca a autoficção e a mistura de linguagens como marcas da poética de Caio Fernando. Ademais, a dissertação de Junqueira (2009) corroborará com a inserção da obra de Abreu no contexto contracultural ao defender que a forma como trata em suas obras a sexualidade, a racionalidade e política inserem-se no movimento.

O conto "Sargento Garcia" (1982), que integra *Morangos Mofados* (Abreu, 1982), é narrado por Hermes, que relata o dia de seu alistamento militar e o despertar sexual que viveu com o militar responsável pelo processo. Já em "Pequeno Monstro", que pertence ao livro *Os dragões não conhecem o paraíso* (Abreu, 1988), o narrador sem nome conta sobre o sentimento de inadequação dentro do próprio corpo que o atormenta, ao mesmo tempo em que vive uma experiência homoerótica com o primo Alex, que dorme nu na cama ao lado da sua. Ambas as narrativas, portanto, retratam o desajuste social e o surgimento de desejos homoafetivos, inserindo-se em um contexto histórico e cultural em que essas vivências eram silenciadas.

Segundo Hollanda (1982), temas como o despertar sexual homossexual e o desajuste identitário, presentes em "Sargento Garcia" e em "Pequeno Monstro" (e em tantas outras narrativas de Abreu), representam parte da juventude brasileira da década de 1980, que recusava a tecnocracia e buscava um novo mundo, integrando à sua ficção literária traços da chamada contracultura. Para a autora, *Morangos Mofados* oferece uma reflexão sobre o movimento contracultural de uma geração que viu seus sonhos "mofarem" diante de uma ditadura militar. Hollanda (1982) defende que Caio Fernando revisita esse movimento, incorporando-o à sua estética ao incluir elementos intertextuais para a composição do texto, ao mesmo tempo que destaca a necessidade de enfrentar a realidade sem perder a sensibilidade.

Também Junqueira (2009), em sua dissertação de mestrado, aponta para a obra de Abreu e o imaginário contracultural, particularmente entre as décadas de 1960 e 1980. Essa percepção leva a uma compreensão mais apurada dos contos "Sargento Garcia" e "Pequeno Monstro", porque explica como a recusa à normatividade sexual, à racionalidade ocidental e o engajamento político tradicional – todos esses elementos contraculturais no Brasil da ditadura – encontram a expressão estética na ficção do escritor, assim como a busca por prazer, liberdade, lirismo e subjetividade o fazem. Além disso, Junqueira defende que a obra de Caio Fernando Abreu se situa entre a autobiografia e fabulação, o que colabora para a leitura autoficcional dos dois contos em foco neste projeto.

Outrossim, a dissertação de Junqueira explora como a sensibilidade contracultural e o tropicalismo fazem uma crítica ao populismo de esquerda, paralelamente à recusa de Abreu em ser porta-voz de causas políticas e sociais em moldes tradicionais, preferindo a construção de sujeitos fragmentados, ambíguos e líricos. Essa visão subjetiva de sujeito corrobora para a noção de autoficção explorada por Lima (2015), que entende a autoficção como uma narrativa híbrida e performática, em que o autor cria a si mesmo a partir da ficcionalização do "eu", de modo que não é possível discernir entre memória e criação, como uma nova maneira de narradores se comunicarem. Assim, Lima defende que não se deve encarar o texto como uma verdade absoluta, mas se deve problematizar a noção de

sujeito, o que Caio Fernando Abreu faz muito bem por meio de seus personagens *outsiders*.

Ademais, é possível atrelar Abreu a autoficcionalização antes mesmo de suas publicações da década de 1980, como “Sargento Garcia” e “Pequeno Monstro”. Conforme Lima e Stuchi (2018), mesmo antes do termo “autoficção” ser conhecido no cenário literário brasileiro, isto é, na década de 1970, a literatura de Caio Fernando apresenta uma ambiguidade sobre verdade, mentira, identidade, ficção, imaginação e representação. Logo, o autor mescla realidade e ficção em texto essencialmente ficcional “cuja realidade ali expressa quer senão existir enquanto uma realidade fora, uma experiência do fora” (Lima; Stuchi, 2018, p. 5).

Portanto, a metodologia da pesquisa é qualitativa de cunho analítico, com foco em literatura comparada. Afinal, a análise considera elementos autoficcionais, como a reprodução das vivências homossexuais, a representação do momento político-social em que os contos foram escritos e, portanto, o movimento de contracultura que vigorou durante a década de 1980, no Brasil. Com a finalidade de atingir essa análise, o referencial teórico baseia-se na concepção de intertextualidade desenvolvida por Samoyault (2008), para quem a prática não se restringe a citação ou alusão, mas se constitui em um movimento de diálogo constante de um texto com outros, o que permite compreender como o escritor reescreve suas vivências, utilizando referências que dizem respeito a uma memória coletiva. A ela, adiciona-se a conceituação de autoficção por Lima (2015), que defende o ato de autoficionalizar-se como uma invenção de si mesmo, permitindo entender como Abreu ficciona a si nos contos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado da análise dos contos selecionados de Caio Fernando Abreu demonstram o *zeitgeist* – espírito de época – que pairava sobre ‘o Brasil da população LGBTQIAPN+’. Com personagens desajustados em relação à heteronormatividade imposta, pode-se afirmar que Abreu viveu por seus personagens duas formas. Primeiro, a que se escondeu por seu próprio bem, se utilizando da dúvida e da raiva, perante o preconceito sentido das expectativas sociais para com suas personagens, e suas projeções para aquilo que poderia/queria/viria a ser – como um “Pequeno Monstro”. Já em “Sargento Garcia”, o ambiente militar expõe um espaço para que preconceitos e homoafetividades veladas aconteçam, ao misturar a violência e opressão normalizadas do exército com uma tensão sexual sentida por dois personagens – o narrador, Hermes, e o sargento que está fazendo seu alistamento. Ambas as narrativas trabalham com a experimentação e a descoberta de um homem gay perante às limitações preconceituosas da sociedade na década de 1980 sob diferentes perspectivas, e, de acordo com Lima e e Stuchi (2018), são as várias maneiras de Caio Fernando Abreu viver sua própria descoberta e liberdade (e mesmo a sensação de aprisionamento, já que a história não se apaga e faz parte do que somos) por meio da escrita, fragmentando seu ser e suas memórias em outras vivências – muitas delas vivenciadas pelos seus leitores.

CONCLUSÃO

A partir do conceito de autoficcionalização, entende-se que os personagens de Caio dão luz à um tempo da vida em que o autor foi, guardando em si certa violência e escapando do fardo da heteronormatividade compulsória ao elaborar constantemente maneiras de fugir do lugar em que está (tanto fisicamente quanto psicologicamente), e luz àquilo que o autor, outrora, projetava ser para futuro – representado pelo personagem Bruno, que, ao longo do texto, é apresentado como modelo de desejo pelo personagem principal (e que mantém anonimato), mas também significando um modelo de vivência, escape da esfera do possuir para dar voz ao desejo de ser.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Maringá e ao CNPq, pela oportunidade e suporte financeiro por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), essenciais para a execução desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. F. “Sargento Garcia.” In: *Morangos Mofados*. Agir, Rio de Janeiro 1982.

ABREU, Caio F. “Pequeno Monstro.” In: *Os dragões não conhecem o paraíso*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BARBOSA, Nelson Luís. *“Infinitivamente pessoal”*: a autoficção de Caio Fernando Abreu, o biógrafo da emoção. 2008. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CASTELLO, José. Caio Fernando Abreu: a coragem do fracasso. In: CASTELLO, José. *Inventário das sombras*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 57-71.

HOLLANDA, H. B. de. Hoje não é dia de rock (I). *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Livro, 24 de outubro de 1982.

JUNQUEIRA, Márcio Ramos. *O desbunde e o depois: Caio Fernando Abreu e a contracultura.* Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras, 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). p. 1-114.

LIMA, Bruno. *Eu: itinerário para a autoficção*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

LIMA, Ricardo Augusto de; STUCHI, Marina. O eu é outro: primeira e terceira pessoa na autoficção. *Scripta Uniandrade*, v. 16, n. 1 (2018), p. 1-29.

SAMOYAULT, Tiphaine. *Intertextualidade*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.